



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às rádios Globo 930 AM e Transamérica FM

Governador Valadares-MG, 09 de fevereiro de 2010

Jornalista: Nós estamos aqui, direto do Aeroporto Coronel Altino Machado. Nós já estamos ao vivo, aqui, direto do Aeroporto em que, como nós estamos falando desde ontem, temos a honra de entrevistar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao vivo, para Governador Valadares, a microrregião Leste de Minas, e com várias emissoras afiliadas do sistema Globo de Rádio de vários estados – estão conosco neste momento – e algumas rádios de cidades vizinhas como, por exemplo, a rádio Cidade de Caratinga. A gente agradece, já de antemão, ao próprio presidente Lula. A gente sabe o quanto ele gosta de rádio, sabe a importância do rádio, e toda a sua assessoria sabe da importância do rádio para fazer chegar a mensagem, a informação diretamente aos ouvintes, ao cidadão.

Há cinco meses, quando ele viria a Valadares para a inauguração da usina hidrelétrica de Baguari, o tempo, o clima não permitiu, a condição climática não permitiu que sua aeronave pousasse em Governador Valadares, e nós não pudemos fazer a entrevista. Mas a assessoria, à época, disse “Olha, ele volta e vai conceder a entrevista ao vivo para vocês”, e está aqui, cumprindo o seu compromisso, volta a Governador Valadares para uma agenda cheia. E não só Valadares; também vai a Teófilo Otoni à tarde. Hoje ele está aqui para... Neste momento, ele vai conceder esta entrevista ao vivo, conosco. Na sequência, ele vai ao Bairro Palmeiras, onde entrega as casas populares das famílias que moravam em área de risco. Depois, vai ao centro da cidade, onde grande parte da população de Valadares estará lá também para acompanhar a inauguração da Universidade Aberta do Brasil, campus de Governador Valadares, e também anunciar mais recursos para o projeto Minha



Casa, Minha Vida, e para as obras do Programa de Aceleração do Crescimento. À tarde, o presidente Lula vai a Governador Valadares.

O Presidente já está aqui conosco, a gente está esperando o ok aqui, os últimos ajustes. Já está tudo certo. Já está aqui também o ministro da Educação, Fernando Haddad; o ministro das Cidades, Marcio Fortes. O ministro Hélio Costa não está aqui na sala, mas ele veio com o Presidente. A ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, aqui, também está conosco. A prefeita de Governador Valadares, Elisa Costa, está aqui conosco. Membros da assessoria, colega da imprensa, Herikson, da Transamérica, que tem esta missão de dividir conosco esta honra de entrevistar o presidente Lula, não é isso, Herikson?

Jornalista: A honra é toda nossa, Márcio. Um bom dia especial a todos os nossos amigos que estão acompanhando esta transmissão exclusiva e ao vivo para todo o Brasil.

Jornalista: Ok. Ok da assessoria. Vamos lá, então? Primeiramente, cumprimentando com toda a honra Vossa Excelência, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao vivo na rádio Globo para todas as afiliadas, as rádios que estão em cadeia conosco. Presidente, é uma honra tê-lo aqui em Governador Valadares e ao vivo na rádio Globo. Bom dia.

Presidente: Bom dia, Márcio, é um prazer estar conversando com você, é um prazer conversar com os ouvintes da rádio Globo. Estou aqui à disposição... o povo de Governador Valadares compreendeu que eu não pude vir aqui da outra vez por causa que o avião não podia parar aqui, ou seja, por causa do tempo. Mas estou aqui para que a gente possa ter uma conversa franca e aberta sobre o Brasil, sobre Minas Gerais, sobre Governador Valadares. Se vocês quiserem, sobre o Atlético, sobre o Cruzeiro, sobre o Corinthians, ou



seja, o assunto e a bola estão com vocês. Tanto você, Márcio, como o nosso companheiro Herikson Soares, da Rádio Transamérica.

Jornalista: Pois é, então eu vou matar no peito e perguntar, direto, uma pergunta que muitos ouvintes pediram para eu fazer. Como anda a saúde, Presidente? Este calor de Valadares aqui, como é que o senhor está encarando este clima? Está tudo bem?

Presidente: Tudo bem. Ô Márcio, primeiro, eu tenho um problema de saúde, que eu agradeço a Deus todo dia de ser um homem que estou com 64 anos e nunca tive nenhum problema de saúde, a não ser uma apendicite em 1987. Eu tive um problema de aumento de pressão, possivelmente pelo cansaço da jornada feita no Rio de Janeiro e feita em Pernambuco, e eu fiquei em observação, mas a minha pressão habitualmente é 11x7. Todo santo dia, de manhã, eu tiro a minha pressão, é 11x7, 11x7. Quando ela está fora de padrão ela está 12x8 ou 13x8. Portanto, eu nunca tive problema de pressão e estou acostumado com o calor, afinal de contas eu sou nordestino e o calor não me assusta, não. Você sabe que mais calor do que aqui em Governador Valadares agora, estava em Porto Alegre na última sexta-feira, quando eu fui lá. Estava um calor daqueles de fritar um ovo na cabeça e...

Jornalista: Até jogador de futebol não está aguentando, não é?

Presidente: Não está aguentando. Eu acho uma judiação o campeonato brasileiro, o campeonato... ou melhor, o campeonato...

Jornalista: Estadual...

Presidente: ...mineiro... os campeonatos estaduais estarem sendo jogados às



5 horas da tarde que, na verdade, são 4 horas. Eu acho que era importante até um pouco mais, para que os atletas não sofressem o prejuízo do calor.

Jornalista: Presidente... o Herikson vai me permitir fazer a primeira pergunta. Eu gostaria de saber, chegando agora ao último ano de governo, depois de oito anos à frente da Presidência da República, como é chegar a este último ano – essa é a oportunidade que nós temos de conversar – falta um ano ainda, logicamente, mas como é chegar a este último ano, depois de toda essa jornada, que não são só oito anos de governo, mas toda uma jornada de uma vida. Chega ao final do seu mandato em dezembro. Como é chegar a este último ano?

Presidente: Olhe, eu vou chegar ao último ano com a cabeça muito tranquila, porque eu tenho consciência das dificuldades que nós tivemos, tenho consciência da quantidade de coisas que nós fizemos e tenho consciência da quantidade de coisas que ainda estão por fazer no nosso país. Mas eu tenho consciência de que o Brasil encontrou o seu caminho, o Brasil vive um processo de recuperação de autoestima. As pessoas estão percebendo que as coisas estão acontecendo no Brasil. Se você imaginar que o último governo que fez investimentos em infraestrutura foi no período Geisel, que foi até 1979 – de [19]75 a [19]79 –, você vai perceber que nós ficamos praticamente 25 anos sem fazer investimento nenhum em infraestrutura. E nós começamos a fazer, nos últimos anos, um grande processo de investimento em infraestrutura, para que a gente possa recuperar as nossas ferrovias, fazer as hidrovias, fazer as estradas que precisam ser feitas, arrumar os portos que precisam ser arrumados e, ao mesmo tempo, fazer as hidrelétricas que precisam ser feitas. E também fazer um grande trabalho na urbanização de favelas, e um grande programa habitacional, que é o Minha Casa, Minha Vida.

Só para você ter ideia do que está acontecendo no Brasil hoje, a Caixa



Econômica Federal, em 2002, tinha disponibilizado para financiar habitação no Brasil, R\$ 5 bilhões. Em dezembro de 2009, ela fechou com empréstimos de R\$ 45 bilhões, ou seja, nove vezes mais. Se você imaginar, quando nós entramos, em 2003, no governo, todo o crédito disponibilizado para o Brasil inteiro era de 380 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil tem 380 bilhões de crédito. Então, o volume de crescimento do crédito, o volume de obras que estão acontecendo no Brasil são de uma dimensão extraordinária, o que fez com que a gente passasse pela crise econômica, que abalou muito mais os países ricos do que o Brasil – e que ainda estão abalados – e que esses países sofressem mais do que o Brasil sofreu. Por quê? Porque a gente tinha começado a fazer o PAC antes da crise. Nós já tínhamos um grande investimento em casas, urbanização de favelas e outras obras importantes para o Brasil.

Então, eu acho que eu vou terminar o ano com a consciência tranquila, de quem fez aquilo que era possível fazer, criando as condições para que quem vier depois de mim faça muito mais do que nós fizemos.

Jornalista: Presidente Lula, é uma honra ter a sua presença em nossa emissora, rádio Transamérica, juntamente com nossa coirmã, rádio Imparson, rádio Globo, e mais outras emissoras que estão em cadeia em todo o Brasil.

Desde o início do seu primeiro mandato, sua preocupação maior é com o social. Com a implantação de vários programas que beneficiam diretamente a população menos favorecida, um número significativo de brasileiros saiu da linha abaixo da pobreza. Hoje o senhor tem dado uma atenção especial à habitação e à educação. Qual a orientação que o senhor dá aos seus ministros, especialmente ao da Educação, para que as escolas técnicas federais se proliferem pelo País?

Presidente: Olhe, nós estamos fazendo, Herikson, na verdade, uma revolução



no ensino médio brasileiro, sobretudo no ensino profissional. Se você imaginar que a primeira escola técnica no Brasil foi criada em 1909 e que, de 1909 a 2003, todos os governantes que passaram fizeram 140, e que nós, em oito anos, vamos entregar – só nós – 214, nós vamos chegar à conclusão de que nós fizemos, em oito anos, uma vez e meia aquilo que foi feito em um século.

Ora, o que é que está acontecendo de fantástico no Brasil hoje? O que é que está acontecendo de fantástico? É que a gente anda pelo interior do Brasil e as pessoas não estão mais com faixa “Fora FMI”, “abaixo não sei o quê lá”. As pessoas estão com faixas pedindo escola. As pessoas hoje reivindicam creche, e nós já estamos fazendo, financiadas pelo Ministério da Educação, 1.600 no Brasil, coisa que o governo federal não fazia. Nós estamos fazendo 1.600 creches. É o começo de uma política de garantir que a mulher tenha mais liberdade para exercer a sua soberania para ir trabalhar, tendo onde deixar a sua criança. Nós estamos fazendo as escolas técnicas como jamais foi feito neste país, espalhando por todo o território nacional.

Além das escolas técnicas, nós estamos fazendo extensões universitárias por todo o território nacional. Além das universidades federais novas, além do ProUni, nós estamos fazendo extensões universitárias, levando cursos das universidades federais espalhadas pelo Brasil, para permitir que a nossa juventude não precise ir para a capital para poder fazer um curso universitário. E nós sabemos que o atraso do Brasil é tão secular, que nós precisamos fazer muitas vezes mais o que fizemos, para que a gente possa recuperar o atraso a que o Brasil foi submetido.

Mas você veja, você tem presidentes da República que cumpriram o mandato, seja de quatro, de cinco ou de quantos anos, e não fizeram uma única universidade no Brasil. Nós estamos fazendo, já tem 13 aprovadas, e falta apenas uma para ser aprovada, que é uma universidade que nós queremos fazer luso-afro-brasileira, ou seja, uma parceria entre Brasil, Portugal e os países de língua portuguesa, na cidade de Redenção, no Ceará - que é



onde começou a primeira luta pelo fim da escravidão no Brasil -, com 5 mil alunos africanos e 5 mil alunos brasileiros, numa demonstração de que é o começo do pagamento de uma dívida histórica que o Brasil tem com o povo africano. Da mesma forma, foi aprovada no Congresso a Unila, a Universidade da América Latina, em que a gente vai ter currículo latino-americano, a história vai ser latino-americana, os professores serão latino-americanos e os estudantes serão metade da América Latina e metade da língua... metade do Brasil, para que a gente possa fazer a integração, eu diria, prática e intelectual da nossa querida América Latina.

Então, nós estamos fazendo um trabalho imenso na área da educação. Você tem acompanhado os dados, você tem percebido que tem havido uma evolução extraordinária no ensino fundamental. Uma boa parte do ensino fundamental é da responsabilidade das prefeituras e dos estados, não é do MEC, mas nós é que financiamos parte das coisas que estamos fazendo. Aprovamos o piso dos professores. O dinheiro do Ministério da Educação saiu de 20 bilhões para R\$ 60 bilhões, ou seja, uma coisa extraordinária. Mas tudo isso é pouco diante do atraso a que nós fomos submetidos durante séculos, sem fazer os investimentos necessários na área da educação.

Portanto, eu acho que nós aprendemos e nós hoje temos clareza: se o Brasil quiser chegar ao Primeiro Mundo, se o Brasil quiser virar uma potência econômica, o Brasil não pode continuar exportando apenas uns minérios de ferro das nossas Minas Gerais ou de Carajás, não pode ficar exportando apenas as nossas pedras preciosas. Nós temos que exportar tecnologia, exportar conhecimento, exportar inteligência, e é por isso que nós vamos fazer muito mais investimento em educação. E é por isso que o meu governo precisa ter continuidade, é por isso que eu estou trabalhando para fazer a minha sucessão: é para que as coisas que nós começamos a fazer a gente possa fazer muito mais. E eu acho que aí o Brasil vai se transformar em uma grande nação.



Jornalista: Presidente, o mundo a cerca de dois anos mergulhou em uma crise profunda, econômica e... Todos tinham como certo que o Brasil iria mergulhar muito mais, tido que em [19]97, com a quebra dos Tigres Asiáticos o Brasil mergulhou em uma crise profunda, e o efeito, ele veio... o efeito dominó veio e acabou com o Brasil, economicamente. Só que... passamos, não é? A crise veio, dizem que está passando. O Brasil, de certa forma, conseguiu ficar de pé, balançou, tremeu, mas não caiu. E o senhor citou aí, que as obras do PAC, os projetos, acima de tudo, o governo, eles vieram antes da crise e aconteceram durante a crise, e o governo tomou várias medidas, também.

Tendo isso, eu gostaria de perguntar: o senhor defende a participação maior do Estado na economia ou o senhor é favorável a alguns que dizem que o mercado tem que ser independente? A própria ministra Dilma disse, esta semana, que o mercado precisa ter, sim, ações de governo para poder... não pode ser tão livre assim, porque senão não se sustenta. E o governo, a gente sabe, em vários países, ele ajudou de alguma forma. Qual é a visão do senhor com relação a isso?

Presidente: Olha, primeiro o mercado é uma coisa extraordinária, porque o mercado é a capacidade de movimentação da sociedade, daqueles que fazem parte da economia, as pessoas que têm trabalho, as pessoas que têm renda, as pessoas que têm negócio. Então, o mercado é essa coisa extraordinária. Agora, o mercado não atende as pessoas que não estão dentro do mercado. Ou seja, as pessoas que estão fora do mercado, os pobres, aqueles que precisam de serviço público, praticamente, o Estado precisa atendê-los. E o Estado, normalmente, não atende essas pessoas.

Então, aqueles que defendiam um Estado frágil, fraco, omissivo, e [diziam que] o mercado resolveria os problemas, quebraram a cara nessa crise econômica, agora. Nós vimos um país, que é o símbolo do capitalismo, como



os Estados Unidos, ou a Alemanha, ou o Japão, nós vimos que se não fosse o Estado, o país tinha quebrado. Na hora de colocar o guizo no pescoço do gato, quem era que estava lá para salvar o Estado... o país? Era o poder do Estado.

Aqui no Brasil, a mesma coisa. Aqui no Brasil, veja, não era para termos a crise nem do tamanho que nós tivemos. Eu tenho dito aos empresários. Aqui no Brasil houve um “cavalo de pau”, sobretudo do setor automobilístico, porque estava recebendo ordens da matriz. Se você pegar os gráficos, você vai perceber que entre novembro e janeiro a indústria automobilística, que estava batendo recorde atrás de recorde, ela despencou, porque as matrizes entraram em crise, e as matrizes acharam que aqui ia acontecer a mesma coisa. Só que aqui nós tomamos medidas muito rápidas. Aqui nós isentamos pagamento de impostos federais, aqui nós aumentamos o número de prestações para que as pessoas pudessem comprar o seu carro. E o que aconteceu? Nós retomamos muito rapidamente a indústria automobilística, e outros setores da economia que produzem manufaturados. O setor siderúrgico, por exemplo, em que caiu muito as exportações e sofreu o baque.

Mas nós tomamos todas as medidas: compramos banco quando foi necessário comprar banco; compramos linha de crédito quando foi necessário comprar linha de crédito; abrimos financiamento para geladeira, máquina de lavar roupa, fogão; criamos o programa Mais Alimentos para facilitar que o pequeno produtor rural pudesse comprar trator de até 78 cavalos, e hoje isso é responsável por 70% da venda de tratores no Brasil, ou seja, já vendemos mais de 20 mil tratores. Então, nós tomamos todas as medidas. Estamos de orelha em pé, não pensem que nós estamos sossegados, não. Nós estamos muito atentos à crise.

Agora, veja que coisa, que coisa extraordinária. Enquanto a crise econômica gerou 7 milhões de desempregos nos Estados Unidos, enquanto a crise econômica gerou mais de 7 milhões de desempregados na Europa, no ano passado, no ano da crise o Brasil criou 995 mil empregos com carteira



assinada. Esse mês de janeiro, agora, certamente nós vamos bater o recorde outra vez, do melhor janeiro, desde que foi criada a série do Caged, em 1992.

Então, eu estou convencido de que o Brasil se preparou, do ponto de vista psicológico... Vocês estão lembrados que no dia 22 de dezembro... 23 de dezembro de 2008, eu fui para a televisão fazer um apelo ao povo brasileiro para consumir, porque se a gente se deixasse levar pelas manchetes dos jornais do mundo inteiro, de que o mundo ia acabar, o que acontece? As pessoas não iam consumir, as empresas não iam produzir, o comércio não ia vender, aí a economia ia parar. Então, eu fui para a televisão para dizer: vamos consumir, gente. De forma responsável, vamos comprar aquilo que precisamos comprar. E nós, graças a Deus, vencemos essa crise.

Pagamos o FMI, ainda emprestamos US\$ 14 bilhões para eles, temos US\$ 240 bilhões em reservas e vamos continuar fazendo reservas. A economia brasileira está sólida, vamos ter um 2010 extraordinário, as coisas vão acontecer bem no Brasil, não acredito se... com a graça de Deus, que não tenha terremoto no Brasil, que não tenha nada, para que a gente possa, definitivamente, consagrar a vida do povo brasileiro.

Eu trabalho com a ideia, viu, Márcio e Herikson, eu trabalho com a ideia de que o Brasil pode, daqui a uns dez anos, oito anos, se transformar na quinta economia mundial. O Brasil tem condições para isso, tem potencial para isso e é por isso que estamos fazendo grandes investimentos na Educação, para que a gente possa dar o salto de qualidade que o Brasil precisa dar.

Jornalista: Presidente, vários países do mundo têm homenageado Vossa Excelência. Um exemplo recente é o título, recentemente recebido em Davos, na Suíça. E em nosso país 80% da população aprovam o seu governo. Como o senhor se sente, diante de tamanha popularidade?

Presidente: Olhe, eu acho que há uma interação entre aquilo que nós fazemos



no governo e aquilo que é a expectativa da sociedade. As pessoas estão percebendo que nós estamos trabalhando com seriedade, as pessoas estão percebendo que nós estamos fazendo aquilo que é possível fazer, porque também as pessoas, como têm a sua vida particular, elas sabem o limite das coisas. As pessoas não são ingênuas. Tem gente que aparece na televisão falando e acha que quem está assistindo é um bando de ingênuos, que vai acreditar no que ele fala. Não. As pessoas transformam as notícias que elas recebem na vida prática delas, no que o salário delas permite que elas façam, permite que elas comprem para comer. Então, eu tenho consciência de que o povo tem uma inteligência maior do que algumas pessoas pensam que o povo tem. E o povo sabe do sacrifício, o povo sabe o que nós estamos fazendo para diminuir o número de miseráveis neste país, para elevar o grau de pobres a comer, a beber, a se divertir. É um trabalho imenso isso, e leva uma geração, uma geração e meia. Eu penso que se a gente tiver continuidade, a gente vai conseguir vencer essa barreira. A popularidade, eu acho que é resultado desse trabalho, as pessoas estão percebendo o que está acontecendo. Obviamente que eu fico lisonjeado quando recebo o prêmio de Homem de Ano, do Le Monde, quando recebo do El Pais, na Espanha, e quando recebo um prêmio em Davos. Por quê? Porque essa gente, em 2003, queria ver o diabo e não queria me ver. Essas pessoas tinham medo da minha barba, tinham medo do meu cabelo, tinham medo do meu discurso. Eu fui a Davos em 2003, e lá me encontrei com várias personalidades, eu sei o medo que eles tinham de mim, a preocupação: “Será que esse barbudo vai afundar o Brasil? Será que esse sindicalista vai quebrar o País?” Bom, está aí o resultado.

O que as pessoas aprenderam é que nós trabalhamos com muita seriedade, e eu tinha consciência, viu, Herikson, eu tinha consciência, Márcio, de que qualquer um neste país poderia errar. Qualquer um erra, faz o que quiser, vai embora, vai para Paris, vai para Nova Iorque, vai para Harvard, vai não sei para onde. Os caras, depois de quatro anos voltam como se não



tivesse acontecido nada com eles. Eu tenho consciência de que se eu não desse certo, ia demorar 200 anos para um operário pleitear ser presidente da República outra vez. Então, eu tinha que trabalhar mais do que os outros, eu tinha que me fiscalizar mais do que os outros, eu tinha que me dedicar mais do que os outros.

Você veja, eu era contra o segundo mandato, porque eu tinha medo do segundo mandato, porque a pessoa tende a... Jogador de futebol, quando está há três anos num time, já não quer sair para ir para outro?

Jornalista: Verdade.

Presidente: Então, na política também. Depois de quatro anos, no segundo mandato, você volta a ser repetitivo e começa a cansar, e tal. Então, eu botei na cabeça que só tinha sentido eu ter o segundo mandato se eu tivesse mais força para trabalhar do que no primeiro. O PAC, a gente poderia ter lançado ele em 2006. A gente não lançou porque a gente não queria confundir o PAC com a campanha eleitoral. Lançamos em janeiro de 2007. E o PAC foi a salvação da lavoura, porque deu trabalho para todo mundo: é o PAC da Educação, é o PAC da Ciência e Tecnologia, é o PAC da Pesca, é o PAC da Agricultura Familiar. Ou seja, todo mundo teve que fazer um novo programa.

E agora nós estamos trabalhando o PAC 2011-2015. Você poderia me perguntar: “Esse Lula está louco. Por que é que ele quer fazer um PAC, se ele vai deixar a Presidência no dia 30... no dia 1º de janeiro?” É porque eu quero comprometer o Orçamento da União com obras que nós consideramos prioritárias. Não obras do presidente Lula ou da ministra Dilma. Obras que os governadores, que os prefeitos vão dizer para nós que são importantes para os seus estados.

Você veja um negócio, quando nós tomamos a decisão de, numa cidade como Governador Valadares, a gente colocar, através do FNHIS, do PAC



FNHIS, 50 milhões para urbanização, 51 milhões para construção de estação de tratamento de esgoto e 30 milhões para drenagem, são R\$ 131 milhões. Neste país, Márcio, é importante a gente não perder de vista... Os governantes não gostavam de fazer drenagem porque é dinheiro soterrado; não gostavam de fazer tratamento de esgoto, porque é manilha embaixo da terra, e muito menos fazer estação de tratamento. “Vamos jogar no rio, o rio está aí.” Não, nós queremos mudar o Brasil.

O Brasil precisa entender que cada centavo que eu investir na coleta e no tratamento de esgoto, eu estou investindo na saúde. É menos doença na cidade... E isso não existia no Brasil. As pessoas gostavam de fazer viaduto para colocar o nome da mãe na placa, o nome do avô, o nome do tio. Não. Nós, entre uma placa com o nome com o nome de uma pessoa, e uma criança brincando com saúde na rua, esta é a imagem que eu quero carregar do meu governo.

Jornalista: Presidente, ano de 2010, ano de eleição, eleições gerais. E falando... não temos como fugir de sucessão. O PPS, o PSDB e o Democratas chegaram a ingressar com uma ação no Tribunal Superior Eleitoral. Essas viagens que o senhor tem feito, visita aos estados, principalmente a Minas Gerais, São Paulo, que são os dois maiores colégios eleitorais, eles disseram, alegaram que eram viagens, compromissos eleitorais, ou eleitoreiros. O TSE já se pronunciou em contrário, e ontem o presidente, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso chegou a fazer alguns pronunciamentos também, com relação à ministra Dilma, ao senhor. Como é que o senhor vê essa situação? O ano eleitoral está começando e está muito quente nesse cenário aí.

Presidente: Olhe, eu penso que quando um partido de oposição não tem o que propor, que não tem discurso, fica difícil a situação deles. Então, eles tentam impedir que o outro time jogue. Você está lembrado no tempo em que o



Cruzeiro tinha o Dirceu Lopes, Tostão, Piazza, Joãozinho, Natal? Você está lembrado desse time. Você está lembrado do time do Cerezo, do Paulo Isidoro, do Rinaldo, você está lembrado. Pois bem, o que é que fazia a defesa adversária? Ao marcar o Rinaldo, era na porrada.

Jornalista: Era.

Presidente: Desculpe aqui o palavrão, mas é verdade, era bordoadada. Por isso que o menino parou de jogar cedo, com os dois joelhos detonados.

Jornalista: Verdade.

Presidente: E aí vai, aí vai. Então, eu acho que os nossos adversários estão como aquele time mais frágil, que tenta marcar, tenta parar no tranco, ou seja, fazendo falta. Eles não têm como competir, começam a tentar dizer: “Bom, o Presidente está viajando”. O que é que eles queriam? Que eu ficasse sentado em Brasília? Não, eu tenho que ver as obras que nós estamos fazendo. Isso é dinheiro do povo brasileiro, que está sendo enterrado aqui e no Brasil inteiro. É ponte, é escola, é agricultura familiar, é barragem, é irrigação. Ora, quem é que pode proibir o presidente da República de fazer visita às obras feitas com o dinheiro do povo, em nome desse próprio povo?

Então eles começam a procurar pretexto, a ir para a Justiça. Mas nós já estamos acostumados a isso, nós estamos acostumados a isso. Eu vou continuar viajando até o dia 31 de dezembro, à meia-noite. Até lá a festa é minha. A partir da meia-noite eu começo a desconcentrar, vou desligando todos os neurônios, e de manhã eu pretendo eu passar para quem de direito, porque eu tenho a convicção, e vou fazer muita força para eleger a minha sucessora. Então, aí, sim, eu estarei tranquilo, vou para casa desligado, não darei palpite sobre o futuro governo. Vou voltar, quem sabe, a jogar uma



bolinha. Quem sabe, um desses times de velho me convoca para jogar alguma coisa. Vou voltar a fazer o que eu gosto de fazer, me encontrar com os meus amigos, e viver uma vida normal. Mas até lá, quem quiser, vai me ver viajar o Brasil inteiro. Eu ainda nem comecei. Algumas pessoas devem ter ficado felizes porque a pressão minha subiu, um dia: 'Ah, vai parar de viajar". Não, pelo contrário, preciso viajar mais. Quando você faz ginástica, a pressão cai, você reparou? Eu levanto de manhã, 11 x 7, depois que eu faço 40 minutos de esteira, a pressão vai para 10 x 6. Então, eu preciso fazer mais ginástica. E não tem ginástica melhor do que abraçar o povo, do que visitar obras, do que saber que as coisas estão acontecendo.

Jornalista: Senhor Presidente, hoje o senhor inaugura um conjunto habitacional e um polo de ensino a distância. Porém, o sonho de Valadares, de ter a sua universidade federal, continua somente um sonho. Sabemos do esforço do deputado federal Leonardo Monteiro e também da prefeita Elisa Costa em busca dessa realização. Quando teremos esse sonho realizado?

Presidente: Olha, primeiro, nós temos aqui um instituto, que vai começar a funcionar em junho, e esse instituto federal tem cursos de nível universitário, já tem. Nós vamos inaugurar o campus de Teófilo Otoni, que faz parte de uma região do Vale do Jequitinhonha e do Vale do Mucuri. Obviamente, veja, que inaugurado o instituto e... não vai poder mais parar de fazer extensões universitárias. Governador Valadares é uma cidade de 400 mil habitantes, portanto, é uma cidade que tem o direito de ter. Ora, se não pôde entrar agora, certamente entrará no próximo ano, e se a prefeita ajudar, tiver até terreno e facilitar as coisas... Nós tivemos prefeitos pelo Brasil afora... Nós tivemos uma prefeita no Rio Grande do Sul, que ela saiu da sede da Prefeitura e deu a sede para a gente fazer uma escola técnica. Então, se o prefeito tiver condições... Aqui em Minas Gerais mesmo, numa cidade que eu esqueci o nome agora, o



prefeito deu um prédio para a gente fazer a universidade. Se tiver um prédio público aqui ou tiver um terreno aqui que facilite a vida, facilita à gente criar uma extensão universitária aqui. Aí é preciso saber com os reitores... com o reitor da Universidade Federal de Minas Gerais qual o potencial, porque da nossa parte não há proibição para a gente fazer uma universidade numa cidade da importância de Governador Valadares. Agora, eu penso que o Instituto Federal vai resolver uma parte das necessidades de Governador Valadares.

Jornalista: A Prefeita já garantiu o terreno, não é, Prefeita? Já está garantido.

Jornalista: Já fez sinal de positivo ali, ela fez um positivo ali.

Presidente: (incompreensível) arruma um bom terreno.

Jornalista: É, e aqui em Valadares tem área de sobra, e áreas boas.

Presidente, falando agora sobre a questão de combustível, a questão... Valadares, particularmente, começando daí, nós temos um dos combustíveis mais caros do País. Nós temos aqui o litro da gasolina, em média, a 2,70, e sem falar do álcool, que vem aumentando também. O brasileiro, o valadarense se pergunta... Nós temos, aí, comemorado sucesso, a gente vê o Presidente aí, que a gente conquistou a autossuficiência na produção, tem o pré-sal, que vem com muita força. Recentemente, estivemos no Espírito Santo e vimos lá como aquele estado vem crescendo e se preparando para crescer ainda mais. Mas as pessoas, na bomba, ainda pagam um combustível, uma gasolina de R\$ 2,70 o litro. Quando que todos esses avanços, essas conquistas da área – temos a questão do biocombustível também, que é uma questão em que o Brasil é pioneiro, sai na frente –, quando que isso vai refletir em termos do preço do combustível na bomba e em desenvolvimento para o nosso país?



Presidente: Olha, eu penso, eu penso que nós vamos transformar toda essa riqueza em benefício para o povo brasileiro, eu penso que a partir de 2016, 2017, 2018, porque você agora está num processo de preparação, ou seja, de contratação de 38 plataformas. Isso leva algum tempo para ser construído. Depois você, quando começa a perfurar um poço, você começa numa fase experimental, às vezes leva um ano. Então, há toda uma preparação.

O que está acontecendo de verdade é que nós estamos, agora, no Congresso Nacional, aprovando todo o marco regulatório para a exploração do pré-sal, ou seja, nós estamos mudando a regra: agora o Estado brasileiro vai ser dono do petróleo. Isso é uma coisa muito importante. Nós decidimos, também, colocar no projeto que parte do dinheiro do pré-sal será garantido para investimento em educação, ciência e tecnologia, preservação ambiental, cultura e saúde, que é para a gente, também, não ficar torrando o dinheiro. É preciso que a gente comprometa esse dinheiro com algumas coisas. E, certamente, na hora em que a gente for autossuficiente, a gente pode ter uma certa margem de manobra no preço do combustível. Hoje, embora nós sejamos autossuficientes do ponto de vista da nossa produção, acontece que nós temos que importar petróleo de outros países, petróleo leve, para misturar com o nosso petróleo, até porque nós precisamos também importar óleo diesel. Então, eu acho que nós poderemos chegar a um ponto de equilíbrio, e a explorar o pré-sal com toda a sua força, mais ou menos lá para 2016, 2017. Antes é muito difícil de a gente fazer isso. Você está lembrado que, agora, para tentar fazer um ajuste na questão do etanol, que elevou um pouco, nós baixamos a Cide para melhorar o custo no bolso do consumidor.

Mas o povo brasileiro pode ter certeza de uma coisa: o pré-sal é de uma... é tão importante, é uma coisa tão extraordinária, que se tiver tudo o que a gente já pensa que tem e já sabe que tem, mas que não está certificado ainda e, portanto, a gente não pode ficar falando do que não está certificado, eu



penso que o Brasil terá a sua segunda Independência, e eu penso que o Brasil...

Se você imaginar, Márcio, só navios, nós estamos contratando 200; só plataformas, são 38 navios-sonda, que é uma coisa... cada um custa quase US\$ 2 bilhões. Nós estamos fazendo um porto em Recife, vamos fazer um porto na Bahia, fazer um porto no Ceará. Fizemos um porto e um dique seco no estado do Rio Grande do Sul, recuperamos a indústria naval do Rio de Janeiro. Você sabe que a indústria naval no Brasil, na década de 70, ela tinha 50 mil trabalhadores. Era a segunda do mundo, só perdia para o Japão. Em 2000, ela só tinha 1.600 trabalhadores. Nós já estamos com 45 mil trabalhadores ou 50 mil trabalhadores.

Então, nós... O pré-sal é a grande chance deste país, é a grande chance, daí porque nós estamos fazendo... os investimentos da Petrobras são de US\$ 274 bilhões... US\$ 174 bilhões. É muita coisa. Agora, você imagine: tudo isso vai ser transformado em empregos, salário, portanto, em renda e melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Jornalista: Presidente, vamos falar um pouquinho sobre a nossa região. Dois grandes projetos que poderiam beneficiar a nossa região deixaram Valadares de fora: a duplicação da BR-381 e a extensão do gasoduto. Ambos vêm somente até Belo Oriente, uns 70 quilômetros de distância. O trecho da BR-381 é o mais perigoso e tem ceifado inúmeras vidas. Porém, o Dnit o deixou de fora da duplicação. E o gasoduto seria um grande atrativo para que outras empresas aqui se instalem. Seria possível o seu empenho, como Presidente, para que tais benefícios cheguem até Valadares?

Presidente: Olha, primeiro, não... só para a gente não dar informação equivocada, Herikson, de que o Dnit deixou de fora. Acontece que a [BR-]381 está no Tribunal de Contas da União, porque nós queríamos fazer concessão e



nós... desde fevereiro de 2009 ela está sendo avaliada pelo Tribunal de Contas da União. Na hora em que for liberado, nós tomamos a decisão de fazer a concessão dessa estrada, porque essa estrada é extremamente importante, não apenas até Governador Valadares, ela é importante durante todo, todo o seu percurso. Então, nós queremos fazê-la, eu até, no avião, vinha conversando com a ministra Dilma, e ao chegar lá nós vamos retomar essa discussão de por que o Tribunal de Contas da União está demorando tanto para liberar, para a gente fazer a concessão dessa estrada, em definitivo, aqui. Eu não entendi qual foi a outra coisa, Herikson...

Jornalista: O gasoduto. É sobre o gasoduto, Presidente, que ele também só vem até Belo Oriente.

Presidente: Ora, veja, nós estamos em uma fase... vamos ter em conta o seguinte, vamos ter em conta o seguinte: até dois anos atrás nós tínhamos uma concepção e uma visão sobre gasodutos no Brasil. A gente, por não ter gás, a gente então não tinha necessidade de fazer muitos gasodutos. Aí surgiu a crise da Bolívia dois anos atrás, três anos atrás. Nós tivemos que fazer um trabalho muito grande, reunimos o Conselho Nacional de Política Energética, decidimos criar o Plangás, e por conta da criação do Plangás nós estamos revendo todo o potencial de gás existente no Brasil para que a gente possa fazer a interligação do Brasil. Da mesma forma que estamos fazendo com linhas de transmissão, nós queremos fazer com gasodutos. No PAC 2011-2015, certamente entrará, da mesma forma que nós fizemos a interligação do Brasil via rede de transmissão... Você sabe que em 2001, quando houve o apagão, nós tínhamos excesso de energia lá no Rio Grande do Sul, e começou a faltar em São Paulo e em Minas Gerais e a gente não tinha linhas de transmissão para trazer de lá para cá. Agora mesmo, no Paraguai, estamos com problema de apagão no Paraguai. Você poderia mandar mais energia para



o Paraguai, mas não tem linhas de transmissão. Então, a gente não tem os gasodutos. Então, nós, no PAC, vamos apresentar uma proposta de integração do Brasil, com gasodutos. Ou seja, tentar levar os gasodutos onde for necessária a demanda, para que quando a gente tiver o gás todo que nós temos consciência que podemos ter, nós então fazemos a interligação com o Brasil. Nós, agora, vamos inaugurar, em março, o Gasene, que é um grande gasoduto ligando o Nordeste brasileiro, que começa, na verdade, no Espírito Santo, até o Ceará nós vamos levar o gás, para que haja uma interligação entre os gasodutos do Sudeste e os gasodutos do Nordeste. Mas ainda falta muito, do ponto de vista de gasodutos, e nós pretendemos fazer uma rede, ficar pronta, porque nós vamos achar – essa é a nossa expectativa, com o próprio pré-sal – gás, e vamos, então, colocar mais um componente extraordinário na matriz energética brasileira.

Jornalista: Eu acho que essa distribuição do gás, a gestão do gás, é competência dos estados, não é? Parece que é o estado de Minas, inclusive, é que está fazendo essa gestão, através da Gasmig...

Presidente: Não. O problema é que os estados são donos da distribuição. A Petrobras, quando foi feita a legislação, nós apenas entregamos, mas quem cuida do gás são as empresas estaduais.

Jornalista: Certo. Presidente, nessa pergunta do Herikson, com relação ao gás, seria importante para trazer empresas, grandes indústrias a Valadares e, assim, agregar mais aqui para a nossa cidade, que vive um momento de dúvidas, incertezas. Enquanto a gente vê muitas cidades... e aqui vizinha a nós, temos Ipatinga, o Vale do Aço como um todo, crescendo, com a Usiminas, com outras empresas satélites. Valadares é totalmente carente de uma grande indústria. Viria para cá, ou foi prometida, a construção da Aracruz Celulose, um



parque fabril aqui, com a geração de milhares de empregos. E a cidade é tão carente, que só o anúncio já trouxe para cá, de volta, milhares de valadarenses que viviam ilegalmente no exterior, e até pequenas... microempresas foram montadas, à espera da Aracruz Celulose. Gerou-se uma expectativa muito grande, pessoas estavam apostando na cidade. Mas a Aracruz não veio. Talvez Valadares foi a grande punida com a crise internacional, porque a Aracruz não veio justamente por causa da crise internacional. Isso mostra que a cidade é carente de uma grande indústria. O senhor vê assim, também, que Valadares deveria ter, sim, uma grande indústria ou várias indústrias? Ou o senhor acha que poderia ter novas vocações, que poderiam dar esse salto à nossa região, principalmente a Valadares?

Presidente: Olhe, eu tenho conversado muito, ao longo de toda a crise, com o governador Aécio, e Minas Gerais foi um estado muito penalizado pela crise econômica porque Minas Gerais era um estado exportador, sobretudo de *commodities*. Então, Minas Gerais sofreu bastante. Agora, veja, uma cidade do porte de Governador Valadares, primeiro, é importante – e aqui aproveitar a Elisa, aqui –, é preciso que a gente comece a fazer discussão com os empresários de Governador Valadares para a gente saber quais os nichos de oportunidade de novos investimentos que têm que ser feitos aqui. Às vezes, não é apenas uma grande indústria. Às vezes, quem sabe, são centenas de microempresas e pequenas empresas. É preciso descobrir as coisas importantes daqui. Veja, do ponto de vista do governo federal, se uma cidade como Governador Valadares tiver a matéria-prima necessária para fazer uma grande fábrica de celulose, e o Brasil opte por fazer mais fábricas de celulose, ora, você pode – em uma combinação entre o governo do estado, o governo federal e a prefeitura – induzir uma empresa a se instalar em uma cidade como esta. Ela vai querer discutir infraestrutura, vai querer discutir mão de obra, em tudo isso a gente pode ajudar. Agora, o que eu acho extremamente importante



é que se descubra aqui em Governador Valadares quais as coisas importantes para a região, a partir da visão da própria região. Porque, hoje, nós temos crédito do BNDES para ajudar pequenas empresas, médias empresas. Hoje nós temos crédito do Banco do Brasil para ajudar cooperativas, tanto na área agrícola, quanto na área urbana. E veja... e nós estaremos fazendo aquilo que for necessário fazer, porque para mim não tem uma cidade preferencial: Garanhuns, Governador Valadares, Ipatinga... Não! Quando você vai conversar com um investidor, o investidor vai dizer quais são as coisas de que ele necessita. E obviamente que tanto o presidente, quanto o governador, mais o prefeito, têm o poder de oferecer determinadas oportunidades. Eu sou favorável a que a gente trabalhe essa questão da indução, é esse o papel que eu vejo, do Estado. O Estado não tem que ser o gerenciador da economia, o Estado tem que ser o indutor da economia. E, ao mesmo tempo, o regulador, o fiscalizador, porque o Estado não pode permitir que os banqueiros façam o que foi feito nos Estados Unidos. Então, eu penso que é possível. Se a economia brasileira continuar crescendo, Márcio, será inexorável o crescimento de Governador Valadares e da região toda, é inexorável. Se o país não crescer, não cresce nenhuma cidade. Mas se o país crescer, vai crescer o estado inteiro, vai crescer... E com a quantidade de escolas que estamos fazendo, eu penso que isso é sempre um atrativo extraordinário para que os investimentos venham para uma região como esta.

Jornalista: Senhor Presidente, qual o sonho ou projeto que Vossa Excelência gostaria de ver realizado nesse seu último ano de governo?

Presidente: Olhe, eu, na verdade, tenho dito aos meus companheiros ministros que ninguém é obrigado a criar mais nada para este governo, ou seja, é proibido ter novas ideias agora, até o dia 31 de dezembro. Por quê? Porque nós precisamos concluir o que está planejado. Nós já estamos com todas as



obras contratadas. Nós já estamos com muitas delas em licitação, muitas em execução, muitas já concluídas, ou seja, nós não temos tempo de começar um novo programa. É por isso que com o afastamento dos ministros para serem candidatos, eu não pretendo colocar novos ministros. Eu pretendo aproveitar os secretários executivos porque são, na verdade, quem tem conhecimento da máquina. Você imagina, o Ministro da Justiça sai amanhã. Imagina eu arrumar um novo ministro da Justiça, que vai ter que arrumar um novo chefe de gabinete, que vai ter que arrumar um novo secretário executivo. Quando ele terminar de montar o Ministério, acabou o mandato! Então, eu prefiro utilizar o pessoal que está trabalhando já, porque já conhece a máquina, já acompanha os projetos e as coisas vão fluir com muito mais rapidez. Então, este ano eu quero concluir todas as obras que nós começamos. Algumas, nós iremos entregar 100%, outras vamos entregar 90%, outras vamos entregar 80%. O dado concreto é que não pode parar.

Jornalista: Presidente, antes de o Márcio fazer a pergunta nós vamos finalizando aqui... Eu queria dizer que foi uma honra participar deste programa com Vossa Excelência. Desejo-lhe sorte e muita saúde para realizar todos os seus sonhos em benefício do nosso Brasil. Uma pergunta que não pode calar: o povo brasileiro pode vê-lo, novamente, como presidente da ONU?

Presidente: Ora, deixe eu te contar uma coisa que as pessoas precisam perceber: primeiro, que essa coisa de disputar cargos internacionais é sempre muito difícil e você não pode ter secretários de (incompreensível) ou de qualquer outra coisa com uma liderança política que seja tão forte quanto os presidentes. O secretário-geral tem que ser um burocrata, para obedecer a vontade dos presidentes, não pode ser um competidor com os presidentes. Então, eu acho que é importante a gente baixar a bola, saber que isso é uma coisa muito mais delicada.



Eu só digo, Herikson, uma coisa, eu penso que ainda faltam onze meses de trabalho, é muito trabalho pela frente, o Brasil é muito grande, e nós vamos trabalhar com muito carinho para fazer o máximo que estiver ao nosso alcance. E eu peço a Deus, todos os dias, que o Brasil, finalmente, se transforme em um país motivo de orgulho do seu povo. Que o povo de Governador Valadares vá a Nova Iorque para passear, mas que ele tenha aqui em Governador Valadares a oportunidade de trabalhar, de ganhar o seu salário e construir a sua vida dignamente. Isso só vai acontecer quando a economia brasileira estiver crescendo, e por isso é que eu acho que o povo tem que ser otimista, porque nós aprendemos a crescer, aprendemos a investir e aprendemos a distribuir.

Jornalista: Presidente, muito obrigado. Sorte ao Corinthians, não é? Quem sabe, será campeão da Libertadores, tem uma jornada difícil ainda, não é? Só informando que o Democrata, de Governador Valadares é líder do Mineiro, está na frente do Cruzeiro, do Atlético e do América, tá? O Democrata, de Valadares.

Presidente: Então, parabéns ao Democrata, de Governador Valadares.

Jornalista: É, o Democrata, de Valadares. Muito obrigado, presidente Lula, mais uma vez, por estar conosco aqui na Globo. Obrigado por valorizar o rádio. O senhor sabe muito da importância do rádio, do papel da comunicação social.

Presidente: Márcio, eu quero também agradecer a você, agradecer aos ouvintes da rádio Globo, e dizer para você que, para mim, a conversa no rádio é aquela coisa íntima que você... eu estou conversando, agora, com uma dona de casa que está à mesa, olhando o que vai fazer para o filho almoçar; eu estou conversando com um cidadão que está, quem sabe, em um campinho de bocha com os seus amigos. Então, o rádio é uma coisa mais íntima, que você



não tem que ir até ele. É ele que vai até você, onde você estiver você está ouvindo rádio. Então, eu acho que é uma coisa, é uma possibilidade de uma conversa muito mais franca que a gente tem com o povo brasileiro. Muito obrigado pelo carinho, Márcio. Muito obrigado, Herikson. E até a próxima oportunidade.

Jornalista: Muito obrigado.

Jornalista: Até a próxima, Presidente.

Jornalista: Obrigado ao Herikson, da Transamérica, e assim a gente encerra esta entrevista com muita honra...

Presidente: E dizendo uma coisa para vocês, que é importante lembrar: a companheira Dilma vai continuar viajando comigo até o dia que a lei exigir que ela se afaste. Quando ela se afastar, aí ela vai cuidar da vida dela como candidata. Mas enquanto ela for ministra, ela vai trabalhar como ministra e vai viajar o Brasil, porque foi ela que organizou as obras do PAC, foi ela que coordenou. Não tem sentido agora esconder a Dilma quando, na hora de passar até às três horas da manhã acordada, às quatro horas da manhã discutindo os projetos, ninguém pedia para ela ir para casa. Então, ela vai trabalhar e agora não tem mais sossego, também. Até a eleição, ela vai ter que andar muito mais. De forma que eu acho que é isso, Márcio. Obrigado e vou continuar depositando parte das minhas esperanças nas conversas do pé do rádio.

Jornalista: Muito obrigado. Bem de saúde a ministra Dilma, bem de saúde o nosso vice, o José Alencar, que é daqui da nossa região. O pessoal de Caratinga está perguntando muito. Nós estamos com a rádio Cidade de



Caratinga: “E o nosso vice-presidente, está bem de saúde, vai disputar o governo mineiro?”.

Presidente: Ele está maravilhosamente bem, queria eu estar como ele. Ele está pensando alto. O José Alencar... Eu acho legal, sabe por quê? Porque essa coisa é que faz a gente vencer a doença. Ele está muito animado, muito disposto. Eu, poucas vezes, vi o José Alencar com tanta disposição. Vamos ver o que ele vai decidir fazer.

Jornalista: Obrigado, Presidente.

(\$31DHJLP)